



**CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE**  
**Gabinete da Vereadora Cida Pedrosa**

**PROJETO DE LEI ORDINÁRIA Nº 136/2023**

Declara o “Festival Rec-Beat” Patrimônio Cultural Imaterial do Recife.

Art. 1º Fica declarado Patrimônio Cultural Imaterial do Recife o “Festival Rec-Beat”.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação oficial.

Sala das Sessões da Câmara Municipal do Recife, 13 de junho de 2023.

---

**CIDA PEDROSA**  
VEREADORA DO RECIFE - PCdoB





**CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE**  
**Gabinete da Vereadora Cida Pedrosa**

**JUSTIFICATIVA**

A presente Proposição tem por objetivo declarar o “Festival Rec-Beat” Patrimônio Cultural Imaterial do Recife. O Festival, com quase 30 anos de realização, tornou-se, ao longo de sua história, um evento emblemático e significativo para a cidade, desempenhando um papel importante na promoção da diversidade cultural e na valorização da música e das manifestações artísticas locais, estaduais, nacionais e internacionais.

O “Festival Rec-Beat”, entre outras características importantes, destaca-se por oferecer acesso livre e gratuito a uma programação diversa e requintada, o que o torna democrático e, portanto, acessível a diversas camadas da população, independentemente de sua condição socioeconômica. A gratuidade é um fator crucial para a inclusão de um público jovem e também para a formação de plateia, possibilitando o acesso a Artistas e performances que, de outra forma, poderiam ser inacessíveis.

O Festival também se destaca pelo seu público massivo, que se renova a cada edição. Ao longo de quase trinta anos, o “Rec-Beat” conquistou um público diferenciado, interessado em uma diversidade musical que vai além das imposições do mainstream. O Evento promove ainda um diálogo entre diferentes gêneros musicais, origens e gerações, contribuindo para a construção de um “mosaico” sonoro rico e surpreendente. Através de suas atrações, tem impulsionado a carreira de Artistas e Bandas, além de reavivar nomes icônicos da música brasileira.

Ressaltamos que o “Rec-Beat” desempenha um papel relevante como formador de público e espaço para o lançamento de novos talentos. Ele impulsionou a carreira de diversos artistas e bandas, ganhando visibilidade e reconhecimento nacional e internacional. O Evento se tornou um ponto de encontro para apreciadores de música, estudiosos e curiosos que buscam conhecer novas expressões artísticas.

Outro aspecto importante a ser considerado é o compromisso do “Rec-Beat” com a equidade de gênero em sua programação e equipe de produção. O Festival é reconhecido por promover a participação igualitária de Artistas do sexo feminino e masculino,





**CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE**  
**Gabinete da Vereadora Cida Pedrosa**

colaborando para o fortalecimento e a valorização das mulheres na indústria musical. Essa postura é fundamental em um contexto em que a igualdade de gênero é uma pauta essencial.

Por fim, o “Rec-Beat” se destaca como um espaço democrático em um tempo de tensões sociais, que busca promover a eliminação de preconceitos e estereótipos, criando um ambiente inclusivo e respeitoso para a diversidade cultural. Ao reunir diferentes estilos musicais, manifestações artísticas e públicos, se torna um exemplo de convivência harmoniosa e celebração da cultura.

Dessa forma, ao declarar o “Festival Rec-Beat” Patrimônio Cultural Imaterial do Recife, reconhecemos sua importância na promoção da diversidade cultural, na formação de plateia, no impulsionamento de carreiras artísticas, na valorização da equidade de gênero na cadeia produtiva da Cultura.

Em anexo, enviamos documento de apoio com o histórico completo do Festival.

Diante do exposto, solicitamos aos nobres Pares desta Casa Legislativa a aprovação deste Projeto de Lei Ordinária.





## FESTIVAL REC-BEAT

### HISTÓRIA

A história do Rec-Beat está diretamente entrelaçada com a criação do Movimento Mangue. Pode-se dizer, sem medo de cair no exagero, que o festival serviu de suporte para o novo conceito sonoro, social e estético que nascia no Recife no início da década de 1990.

Na capital pernambucana, onde bandas e público começavam a ser formados, havia a carência e a necessidade de veículos que dessem estrutura ao aparato criativo de toda uma geração que despontava no cenário pop nacional. Sobrava talento e faltava espaço.

A partir da fomentação criativa, algumas pessoas começaram a enxergar um novo horizonte de mercado e de profissionalização de uma cena. Era preciso criar condições para dar visibilidade aos artistas que proliferavam no Recife. Nasceram assim pequenos espaços e festivais que possibilitaram aos talentos locais mostrar toda uma nova estética sonora que era delineada em garagens, quintais, estúdios caseiros e periferias.

Nasciam então festas temáticas e eventos que serviam de vitrine para a nova manifestação cultural que invadia os cadernos de cultura dos jornais do país. Foi através do olhar e da percepção de um jornalista paulista radicado no Recife que o Rec-Beat começou a ganhar forma. Antonio Gutierrez, mais conhecido como Gutie, acabava de desembarcar na capital pernambucana como correspondente da Gazeta Mercantil no Recife, no final dos anos 1980.

Em meio à profusão do Movimento Mangue, Gutie começou a realizar festas temáticas na casa noturna chamada Franci's Drinks, no Recife Antigo, e no Panqueca's, bar localizado no bairro das Graças, na Zona Norte do Recife. Quase todas as bandas do Movimento Mangue tocaram nessas casas.

Duas festas montadas por Gutie fizeram história nessa época, já chanceladas pelo nome "Rec-Beat": um evento em que Chico Science tocava músicas do Fellini, banda paulistana da qual Chico era fã; e uma noite em que foram reunidos Devotos do Ódio e Lara Hanouska para tocar o repertório do The Doors. Houve também uma expedição de 12 bandas pernambucanas à São Paulo em 1994, sob a chancela Rec-Beat. Não demoraria muito para Gutie



largar o jornalismo e se dedicar exclusivamente às suas verdadeiras vocações: produtor de eventos e de bandas.

Assim, além de produtor cultural, Gutie se tornou, pouco mais tarde, empresário do Mundo Livre S/A. Anos depois, descobriria e formataria o Cordel do Fogo Encantado, um grupo de teatro que Gutie transformou em banda. Estava atrelado para sempre na história da música pernambucana, e se tornaria um dos principais personagens deste enredo.

As festas temáticas, já batizadas de Rec-Beat, acabaram se transformando em um festival realizado no carnaval de Olinda. Em uma época em que o carnaval olindense era praticamente um evento diurno, Gutie percebeu a necessidade de criar um point em que as pessoas se encontrassem a noite para poder beber, trocar ideias e ver shows. Deu tão certo que passou a ser o grande destaque das noites do carnaval de Olinda, numa época em que a violência aumentava exponencialmente com o cair do sol.

A partir de então, por módicos cinco reais, o público contaria com a estrutura de um local que concentrava shows e apresentações de DJs para embalar a noite até o amanhecer. Participavam as bandas mais atuantes da época, como Mundo Livre S/A, Lara Hanouska, Paulo Francis Vai pro Céu, Kaya na Real, Frank Jr, Faces do Subúrbio, Eddie, Caiçaras, Via Sat, entre tantas outras. Ali, no Centro Cultural Luiz Freire, começaram a ser amplificadas as possibilidades estéticas do carnaval pernambucano.

Era o pontapé inicial de uma grande festa da “diversidade”, em uma época em que tal termo estava muito longe de estar na moda e de ser politicamente correto. Nascia um festival que supria a necessidade de dar vazão a uma cena que, até então, ainda estava à margem, fora da curva da indústria, longe da rota das grandes gravadoras e fora de época para os padrões momescos.

Um evento que conseguia reforçar outro maior (o Carnaval) e que servia de opção àqueles que não queriam apenas ritmos carnavalescos, mas, sim, a subversão de ouvir em pleno período de folia um bom e velho rock n’ roll, um funk misturado com guitarras pesadas, um som eletrônico. E tudo com as benções de blocos de maracatu e de frevo. Surgiu algo que veio para somar e multiplicar, jamais para dividir.

A ousadia foi tamanha e tão certa que passou a fazer parte da programação oficial do carnaval de Pernambuco. Se consolidou, junto com o Abril pro Rock, como o evento mais importante da nova música pernambucana. E ampliou seu



raio de alcance para fora do território pernambucano, mirando nomes nacionais e internacionais.

No Rec-Beat cabiam nomes como Dona Selma do Coco, Via Sat, Mudhoney, Funk como Le Gusta, Devotos, Matalanamão, Ira!, Jovem Guarda, Maracatus, Samba e Coco. Um aglomerado de culturas que criou outra; um público que passou a se habituar com um novo conceito; o de não existir música fora do padrão ditado/datado pelo calendário carnavalesco.

Por que não escutar blues nos dias de folia? Ou forró? Ou música eletrônica? Afinal, é carnaval. E no carnaval, vale tudo! Vale qualquer coisa que acrescente repertório cultural, que faça a música circular, que chame a atenção do olindense, recifense, paulistano, baiano, escocês, americano, norueguês, africano. E eles estavam (e ainda estão) lá. E dispostos a parar, a prestar atenção, curtir, estranhar, se sentir tocado. Se emocionar.

Na mais democrática das festas brasileiras, surgia o mais democrático dos festivais.

As 300 pessoas que circulavam pelo festival em suas primeiras edições se transformaram em 15 mil por noite. E, um pouco mais tarde, em quase 20 mil. Em 28 anos de história, o Rec-Beat passou por quatro endereços, até se instalar definitivamente no Cais da Alfândega, no sítio histórico do Recife, onde permanece nos dias de hoje, contribuindo para o fomento do Carnaval e para a projeção nacional e internacional da cidade.

Foi o festival que testemunhou o nascimento do Cordel do Fogo Encantado e o renascimento da Nação Zumbi, ressurgido das cinzas após a trágica morte de Chico Science. Que deu espaço para o inacreditavelmente transgressor Textículos de Mary. Um evento que investiu na pluralidade de nomes independentes e consagrados, sem nunca subestimar a inteligência do público. De Rogério Skylab a Lenine. De MV Bill a Maria Alcina. De João Donato a Emicida. De Erasmo Carlos ao saudoso Luiz Melodia. Da música típica africana ao punk do Replicantes.

Com a certeza de que um festival é, também, um serviço de utilidade pública, oferecido gratuitamente, que gera empregos, amplia os horizontes, junta mundos que andam separados o resto do ano, mas que se encontram no fenomenal público flutuante do Rec-Beat: a pessoa que sai de casa só para ver seu grupo preferido; as hordas de fãs de punk e de rap que invadem o local a cada atração do gênero na programação. Finalmente, os estudiosos e



apreciadores de música que buscam justamente conhecer o novo na mais velha das festas: o Carnaval.

Atualmente, com quase trinta anos de existência, o Rec-Beat prossegue sua trajetória sem perder o protagonismo, a originalidade e o frescor. Com um conceito artístico original, solidamente definido, e um público gigantesco conquistado ao logo dos anos e constantemente renovado, está entre os festivais de música referência no Brasil.

A cada edição, dezenas de atrações mobilizam jovens, adultos e crianças. No palco, a música transborda com toda sua exuberância e diversidade, onde tendências, modernidade e tradição se entrelaçam para formar um evento conceitualmente único.

Este amálgama logrou forjar, com o passar do tempo, um público diferenciado, interessado em uma diversidade musical que vai além das imposições do *mainstream*, que se amplia para regiões e países periféricos, cuja produção só pode ser alcançada por meio de festivais com o perfil do Rec-Beat.

Há, desde sua origem, um interesse pelas manifestações culturais periféricas, as vezes invisíveis, mas que se tornam referências para a cultura brasileira ao longo do tempo, como o manguebeat, o brega-funk, passando por descobertas de movimentos nas mais variadas regiões do país, como as cenas do Pará, Bahia, Minas Gerais. Neste sentido o Rec-Beat é pioneiro, entre os festivais de música brasileiros, em lançar um olhar para a produção musical afro-ibero-americana, incluindo países com vínculos históricos com o Brasil, também do continente africano.

A gratuidade do festival abre-se como forma de inclusão para várias camadas de seu público, predominantemente jovem, oriundo de todas as classes sociais. A esse público, possibilita acesso a uma produção artística que dialoga com sua realidade, que entrelaça a tradição, a contemporaneidade e novas tendências por meio de performances artísticas raramente acessíveis, não fosse ali, no palco do Rec-Beat, em meio ao carnaval. Este acesso provoca ações transformadoras em relação a todo um universo artístico possível.

Como se vê, o festival exerce uma função importante como formador de platéia e espaço para lançamento de novos nomes. Sobram exemplos de artistas/bandas que tiveram suas carreiras catapultadas. Há também nomes icônicos pertencentes à história da música brasileira que teve o seu público renovado no Rec-Beat.

Isso resulta numa mesclagem de gêneros, origens e gerações que incluem nomes como Nação Zumbi, Mundo Livre S/A, Seu Jorge, Lenine, Cordel do Fogo Encantado, Tom Zé, Maracatu Estrela Brilhante, Tony Tornado, Riachão, João Donato, Mudhoney (EUA), Bomba Estéreo (Colômbia), Ana Tijoux (Chile),



Céu, Emicida, Ira!, Siba, Tulipa Ruiz, Otto, Karina Buhr, Naná Vasconcelos, Criolo, Liniker, Erasmo Carlos, Cafurnas Fulni-ô, Arrigo Barnabé, Gaby Amarantos, Johnny Hooker, Man or Astro-Man? (EUA), João do Pife, Luiz Melodia, Bernard Fevrè (França) Jards Macalé, Inna Moja (Mali), La Dame Blanche (Cuba), Fémina (Argentina), Tim Blake (Inglaterra), entre muitos outros, todos contribuindo para a construção de um mosaico sonoro rico e surpreendente.

Crianças também são contempladas através do Recbitinho, braço do festival com uma programação exclusivamente infantil, que transita pelo teatro, música, circo, com uma abordagem carnavalesca voltada para os pequenos futuros foliões, realizado em um espaço confortável e de fácil acesso.

Pesquisas indicam que o Rec-Beat está entre os festivais brasileiros que mais praticam a equidade de gênero em sua programação e também em sua equipe de produção. O festival tem compromisso em manter essa postura perante redes e coletivos de mulheres, como a latino-americana SatelliteLAT (Mujeres de La Industria Musical).

Num tempo de tensões sociais em todos os níveis, O Rec-Beat se mantém como um espaço democrático, que busca a eliminação de todas as formas de desigualdade e discriminação, que valoriza a equidade de gênero, a diversidade e a livre expressão. E isso é facilmente visível em sua programação, na constituição de sua equipe de produção, nas ações de acessibilidade que incluem várias ações, como acessibilidade comunicacional, por meio de interprete de libras e acesso de pessoas com deficiência física e com mobilidade reduzida, entre outras iniciativas.

No que se refere a Pernambuco, o festival cumpre uma função estratégica adicional, que passa pela difusão e fortalecimento da identidade cultural pernambucana, no estímulo ao mercado turístico, à economia criativa e à cadeia da música do estado. Recentemente, Recife foi nominado Cidade da Música pela Unesco, título merecidamente conquistado graças a potencia e tradição da nossa música e, certamente, de eventos como o Rec-Beat.

Mesmo com sua reconhecida projeção nacional e internacional, mantém-se também como plataforma para produção musical local. E aqui não estamos falando somente da produção contemporânea. O festival age no sentido de redescobrir, de valorizar, e de trazer à luz a produção musical tradicional, ancestral do estado, costumeiramente esquecida, distante do grande público e dos grandes meios.

O poder midiático do festival o torna alvo de atenção de toda mídia local e nacional especializada, e isso influencia significativamente na divulgação do Carnaval do estado como destino turístico, beneficiando a atividade hoteleira local e de outros segmentos, ligados ao turismo.





A realização do Rec-Beat causa um impacto positivo potente na economia criativa e na cadeia da música pernambucana. Durante sua realização, emprega, diretamente, mais de trezentas pessoas, entre artistas, produtores, técnicos e fornecedores diversos. Os empregos indiretos saltam para mais de 600 pessoas.

Nos últimos anos, o Rec-Beat vem participando de importantes feiras e festivais nacionais e internacionais de música, sendo seu diretor constantemente convidado a participar de seminários, debates, roda de negócios, e também como curador em alguns desses eventos. Isso reflete a importância do festival como referência na exposição de bandas brasileiras, ao mesmo tempo que se posiciona como porta de entrada no mercado brasileiro de bandas internacionais.

A expansão territorial tem sido outra conquista do Rec-Beat, que vem ampliando suas fronteiras por meio de edições especiais em outras cidades. Nos últimos anos, esteve presente com edições especiais em cidades como Curitiba, Fortaleza, Sobral, João Pessoa, Caruaru, Belo Horizonte e São Paulo, e tendo já assegurada para 2024 uma segunda edição especial em Salvador, confirmando o potencial do festival junto a novos públicos.

